
“Coletivo Estação Saracura Vai-Vai e redes de comunicação urbana: uma análise das discussões em torno das obras do Metrô na região do Bixiga – São Paulo”¹

João Marcelo Flores de Brás²
Milena Santana Signor Avelar³,
Andreia Chiovatto⁴
Fábio Ranzani de Paiva⁵
Simone Luci Pereira⁶
Universidade Paulista - UNIP, São Paulo, SP

RESUMO

Este artigo refere-se a um recorte da pesquisa em andamento na região do Bixiga, área central de São Paulo. Temos como objetivo analisar as recentes discussões/debates em torno das obras de construção da estação do Metrô no local, buscando compreender sentidos de comunicação urbana (Caiafa, 2020; Pereira; Rett e Bezerra, 2021) que por meio deste fenômeno se elaboram. Pela perspectiva do uso da cultura como recurso (Yudice, 2005) e das identidades dinâmicas e performativas ali forjadas (Hall, 2003), buscamos compreender a multiplicidade de protagonismos dos agentes envolvidos e suas redes de atuação. Por meio de trabalho de campo presencial na região e digital nas plataformas de alguns atores e coletivos, analisaremos as propostas, conversas, narrativas, reivindicações e controvérsias na discussão atual que articula e conjuga ativismos negros, urbanos e culturais.

PALAVRAS-CHAVE

Comunicação urbana; ativismo; Bixiga; redes

¹ Trabalho apresentado no GP – Comunicação, Tecnicidades e Culturas Urbanas, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023 na PUC Minas.

² João Marcelo Flores de Brás, mestre e doutor em Comunicação pela Universidade Paulista – UNIP. Pós-Doutorando no mesmo PPG. Professor dos cursos de graduação na UNIP. Pesquisador do GP (CNPq) URBESOM. jmarcelobras@gmail.com

³ Milena Signor Avelar, doutoranda em Comunicação no PPG Comunicação – Universidade Paulista – UNIP (Bolsista CAPES PROSUP). Mestre em Comunicação pelo mesmo PPG. Pesquisador do GP (CNPq) URBESOM. signormila@hotmail.com

⁴ Andreia Chiovatto. Graduada em Artes e mestranda em Comunicação no PPG Comunicação – Universidade Paulista – UNIP (Bolsista UNIP). Pesquisadora do GP (CNPq) URBESOM. chiovatto.andreia@gmail.com

⁵ Fábio Ranzani de Paiva. Graduado em Ciências Sociais e videomaker. Mestrando em Comunicação no PPG Comunicação – Universidade Paulista – UNIP (Bolsista CAPES PROSUP). Pesquisador do GP (CNPq) URBESOM. fabioranzani.paiva@gmail.com

⁶ Simone Luci Pereira, professora/pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – Universidade Paulista – UNIP. Bolsista PQ do CNPq. Doutorado em Ciências Sociais – Antropologia e Pós-Doutorado em Comunicação. Líder do GP (CNPq) URBESOM. simonelp@uol.com.br

A região do Bixiga, localizada na área central da cidade de São Paulo, possui o nome oficial de Bela Vista nas divisões ou delimitações da Prefeitura Municipal de São Paulo; a área do Bixiga não está dividida ou delimitada oficialmente com o registro de início ou término de seus contornos, mas suas delimitações são identificadas por seus moradores e frequentadores.

Com um histórico de ocupação e constituição que permite uma complexidade nas análises e estudos sobre convivências e interações na cidade, dialogamos aqui com o conceito de Haesbaert (2002) sobre território, como um produto de uma relação desigual de forças, envolvendo o domínio ou controle político do espaço, bem como de suas apropriações simbólicas, ora conjugado, reforçado e contraditoriamente articulado (HAESBAERT, 2002, p.121) como espaço apropriado, vivido, disputado, simbólico, marcado de memória (lembranças e esquecimentos), sentidos afetuais, etc.

Também conhecido hegemonicamente e no senso comum como o “bairro mais italiano de São Paulo”, o Bixiga foi ocupado primeiramente por indígenas e negros, por imigrantes italianos na virada do século XIX/XX, por migrantes oriundos do nordeste do Brasil nos anos 1960/70 e mais recentemente, por imigrantes e refugiados da África e da Palestina (Pereira, 2023 et al).

Os próprios moradores do Bixiga relatam, em conversas informais ou em registros bibliográficos e audiovisuais, que a constituição do bairro possui muitos elementos dos grupos negros. Porém, as construções em andamento de uma nova estação do Metrô no bairro, trouxeram visibilidade a uma pauta em disputa há bastante tempo, mas que agora possui evidências físicas e materiais relevantes para discussão, contribuindo para as disputas e negociações que permeiam os usos dos espaços públicos. A pauta em questão, abordada por coletivos de moradores e aliados pela causa negra e pelo bairro do Bixiga, é a defesa do legado do Quilombo da Saracura e a preservação do sítio arqueológico encontrado no ano de 2022 nas escavações e construções da futura estação do metrô – linha 6 Laranja.

Neste artigo, analisaremos atividades do coletivo “Estação Saracura Vai Vai”, que englobam reivindicações dos grupos afrodescendentes e demais aliados do bairro e da cidade sobre o projeto que envolve a construção da futura estação da Linha 6 Laranja do metrô, projetada para se chamar “14 Bis”, devido à praça de mesmo nome na região da Avenida Nove de Julho.

Em meio às escavações, foram descobertos em 2022 muitos objetos e demais vestígios deste quilombo (existente desde o final do século XIX) na região, o que levou a esta movimentação social e urbana. Dentre as reivindicações dos movimentos sociais negros e de outros atores ali em aliança e confluência, buscam que o nome da estação de metrô seja “Saracura Vai Vai”, entre outras reivindicações, como explicaremos. Vale ressaltar que estas discussões vêm aparecendo em perfis do Instagram de outros (sujeitos e coletivos), o que salienta uma polifonia de vozes num mesmo esforço de dar visibilidades às suas lutas e reivindicações como prática e dinâmicas de comunicação urbana (Pereira et al, 2021) que interligam e compõem a tecitura de redes, fluxos e nós na cidade (Latour, 2012). Entretanto, para fins deste artigo, vamos analisar as discussões em torno da construção do Metrô utilizadas como mote para trazer à tona os diversos ativismos na reivindicação dos usos e espaços da cidade (Harvey, 2012) e a prática das atuações em redes com outros agentes do bairro e da cidade na defesa do legado do Quilombo do Saracura e a preservação do sítio arqueológico encontrado no ano de 2022 nas escavações e construções da futura estação do metrô.

Discussão teórico-conceitual e aspectos metodológicos

O coletivo “Estação Saracura Vai Vai” - em suas participações em atividades no bairro ou em suas manifestações nas plataformas de redes sociais - explica que não se opõem à construção da estação do metrô no Bixiga; eles criaram uma petição⁷ solicitando a participação e assinatura da sociedade civil, compartilhando suas pautas e reivindicações. Ali eles relatam que durante as escavações da futura Linha 6 – Laranja do Metrô de São Paulo, foram encontrados materiais arqueológicos do Quilombo Saracura, onde foi local de resistência contra a escravidão e de ocupação de populações negras junto ao córrego da Saracura, hoje canalizado e localizado abaixo da Avenida Nove de Julho. O coletivo explica ainda que este material é patrimônio cultural da população negra como um todo e justifica que a Constituição Federal brasileira de 1988 reconhece a importância e protege os locais onde são encontrados vestígios e materiais sobre o passado e a história dos antigos quilombos. Alegando fundamental a participação

7 Disponível em: <https://www.change.org/p/queremos-que-o-metr%C3%B4-do-bixiga-seja-esta%C3%A7%C3%A3o-saracura-vai-vai> Último acesso em 18/06/2023.

do poder público e da iniciativa privada, reivindicam: a) a preservação do sítio arqueológico em seu local; b) a suspensão das obras do Metrô até a formalização de um projeto de preservação dos achados históricos, evitando sua destruição e de, um projeto de educação comunitária que de conhecimento à população sobre toda a riqueza cultural que ressalta desse achado; c) a construção de um memorial permanente na futura estação que deverá ser batizada de “Saracura/Vai Vai”, como medida de reparação histórica; d) que a curadoria e guarda dos vestígios arqueológicos fiquem sob responsabilidade de instituição especializada em história e patrimônio negro e luta antirracista, como o Museu Afro Brasil.

Quando o coletivo consolida suas propostas sob o argumento de defesa do legado do Quilombo do Saracura e a preservação do sítio arqueológico, podemos visualizar também a proposta de Yúdice (2015), sobre o que no passado ele chamou de um *ethos cultural*, que constitui a dimensão social da cidadania que pode ser estabelecida levando em conta as carências dos grupos subalternizados, seus desejos e seu imaginários. Yúdice também explica que compreender a cultura como campo de luta e disputa (Gramsci, 1971), em nossos tempos faz com que reivindicações da diferença e da cultura sejam convenientes à medida que são possibilidades de dar poder, visibilidade e cidadanias culturais a um grupo ou comunidade.

Além da perspectiva do uso da cultura como recurso, a defesa do legado do Quilombo também pode ser percebida pela perspectiva das teorias das identidades - sempre dinâmicas e performativas (Hall, 2003) - articulada à resistência contra o apagamento das histórias do povo preto e suas lutas antirracistas ao longo do tempo.

A metodologia adotada para esta investigação é o trabalho de campo de inspiração etnográfica/cartográfica: derivas pelo bairro, observação, anotações, entrevistas e/ou conversas informais nos eventos, nas reuniões de moradores e coletivos. Consideramos a etnografia como método e como postura ética junto aos interlocutores e suas ações, imaginários, práticas e falas (Pereira et al, 2023). Na esteira de uma larga tradição antropológica de várias décadas, o trabalho de campo etnográfico aborda as práticas de determinado grupo ao mesmo tempo em que busca compreender os sentidos, valores, compreensões e pontos de vista que estes sujeitos dão a elas. Temos acompanhado também, as ações, práticas e associações desses atores em suas redes sociais digitais.

Atualmente e com muita frequência, em um mesmo evento no Bixiga, seja ele recorrente ou não, é possível identificar diversos sujeitos/atores sociais atuando em seus cenários e territórios da interculturalidade e das dimensões comunicacionais: apreciadores de samba, música popular brasileira, casas noturnas frequentadas por várias juventudes, cantinas com música e comidas de grupos refugiados – além das cantinas italianas, gente ligada às artes cênicas, enfim, uma seleção plural e diversa que fomenta, consome e replica cultura.

Análises das atuações do coletivo Estação Saracura Vai Vai

Em nossos acompanhamentos das interações e atuações do coletivo Estação Saracura Vai-Vai, tanto seguindo seus perfis em plataformas digitais quanto em nossas visitas e participações de eventos e atividades no Bixiga, trazemos como primeiro aspecto a ser ressaltado, a criação de um manifesto abordando as questões raciais no fim do primeiro semestre de 2022, divulgando aos seguidores e simpatizantes a adesão e assinatura, algo também amplamente discutido no aniversário do bairro do Bixiga (comemorado em primeiro de outubro), no “Dia da Consciência Negra” (comemorado em vinte de novembro) e nas discussões sobre a data do 13 de maio, historicamente um marco para o território e as lutas antirracistas. Ou seja, o que percebemos é uma atuação coordenada por parte do coletivo em divulgar suas pautas para um público mais amplo que não necessariamente estava participando dos eventos do dia 13 de maio, por exemplo, em que houve o desfile cortejo do grupo Ilu Obá de Min, inicialmente preocupados ou conscientes desta pauta. No dia 13 de maio, além dos moradores, aliados e integrantes do coletivo, havia um público jovem e adulto de outras partes da cidade, jornalistas entre outros que acompanharam o debate na escadaria do Bixiga com os *griots* (termo utilizado pelos próprios atores que se refere aos ancestrais do bairro) enfatizando o quilombo como algo presente e vivo na região.

Uma publicação repostada e compartilhada pelo Coletivo, foi efetuada pela artista e ativista Érica Ribeiro (@eraribeiro), e curtida e compartilhada por moradores, coletivos e comércios locais. Nesta postagem efetuada em formato de reels a artista traz a fala:

se a gente não conta a nossa história, a galera vai continuar vindo aqui só para comer pizza, massa, *focaccia*, achando que é o bairro

dos italianos; mas o que eles ocultam é que existiu aqui no século XIX o Quilombo Saracura, um dos maiores quilombos urbanos da cidade de São Paulo também conhecido como a pequena África”.⁸.

Em forma de sátira, a postagem utilizava de humor e ironia para dar visibilidade à presença negra ainda hoje invisibilizada pelo senso comum com a referência ao Bixiga como sendo o bairro mais italiano da cidade.

O coletivo também incentiva, propõe e interage com outros coletivos, abordando sua causa e sua atuação, costurando e contribuindo para uma ampla rede com abordagens pontualmente ou frequentemente de pautas relacionadas. O coletivo Estação Saracura Vai Vai postou e compartilhou um dos programas do Podcast Afroturismo, que contou com a participação do arqueólogo e livre docente Rossano Lopes Bastos (@rossano_bastos), que trazia a seguinte fala:

o Brasil, que tem uma tradição patrimonial francesa, uma tradição arqueológica americana do norte - e mais tarde também francesa - é sabidamente uma arqueologia da branquitude...então nós, negros, quando nos tornamos arqueólogos e reivindicamos o lugar de não apagamento, de não invisibilidade nos locais, nos territórios, das marcas, da cultura, da população de matriz africana no Brasil, a gente enfrenta sabidamente resistências dentro deste lugar que é um lugar absolutamente da branquitude”.⁹

O coletivo através da sua atuação em rede, se utiliza das falas de acadêmicos em outras discussões e oportunidades disponíveis nas plataformas digitais, se apropriando e ressignificando os conteúdos para a questão central que os move. Em uma postagem em forma de *reel*, o coletivo selecionou e editou o trecho acima citado, buscando dar legitimidade conceitual e acadêmica para a questão do tratamento dos vestígios arqueológicos encontrados e da perspectiva decolonial necessária para esta tarefa.

Nestas interações em rede que se conectam e se retroalimentam, é comum identificarmos em uma postagem ou publicação curtidas, menções e compartilhamentos

⁸ Último acesso em 18/06/2023: [É R I C A C U N C Ê no Instagram: “Se a gente não vigia... Quais bairros negros você conhece? Durante a construção da linha 6 do metrô de São Paulo foram encontrados artefatos...”](#)

⁹ Disponível em: [Afroturismo no Instagram: “Os sítios arqueológicos negros são tema do podcast Afroturismo, o movimento desta semana com @rossano_bastos @guisoaresdias e...”](#) Último acesso em 18/06/2023.

de outros agentes / moradores / interessados sobre assuntos relacionados; ou que nem sempre atuam ou militam diretamente sobre a causa, mas compõem e sustentam a tecitura da rede porque estão conectados e interligados ao território.

Um outro exemplo desta trama são postagens na página do Instagram do coletivo Estação Saracura Vai-Vai, divulgando a visita da atual Ministra da Cultura, Margareth Menezes, do deputado estadual por São Paulo Eduardo Suplicy e de João Jorge, presidente da Fundação Cultural Palmares à Ocupação Nove de Julho e ao Teatro Oficina importantes agentes político-culturais da região. O texto de uma das postagens dizia:

ontem no Teatro Oficina, a ministra Margareth Menezes recebeu ao vivo uma camiseta da mobilização e nosso pedido de uma audiência. Porque a defesa da nossa história, ancestralidade e permanência é parte da reconstrução do Brasil - ou, como diz o ministro Silvio Almeida, da necessidade de construção de um Brasil novo onde os que nunca importaram sejam importantes para o Estado. O sempre querido deputado parceiro, subscritor do manifesto da mobilização, Eduardo Suplicy, estava mais uma vez junto com a gente.¹⁰

Em outra publicação que se referia à visita da Ministra na Ocupação Nove de Julho o texto utilizado foi:

Jornada do Patrimônio chegando e olha quem recebeu em mãos nosso projeto de educação patrimonial e as 5.300 assinaturas ao abaixo-assinado que pede a garantia de preservação da nossa história. Na quinta-feira, 10/8, voltamos a nos reunir com a ministra Margareth Menezes, e também com João Jorge (presidente da Fundação Cultural Palmares), em evento promovido pela querida Carmen Silva na Ocupação 9 de Julho, e dialogamos sobre a expectativa da comunidade no atendimento das demandas de preservação do nosso passado e proteção do nosso futuro. E você, já se inscreveu para a jornada? ¹¹

A criação das colaborações e alianças em rede (Butler, 2018) esboçadas – no sentido de estar em construção e processo dinâmico – pelo coletivo salienta a relevância e pertinência para as discussões e ações no território do Bixiga, que englobam direito à

¹⁰ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CvuTemPO_xm/
Último acesso em 12/08/2023

¹¹ Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cv2CZ0bObKE/?img_index=1
Último acesso em 14/08/2023.

cidade, uso da cultura e das identidades como recurso para a construção de cidadanias e viabilização dos grupos subalternizados.

Considerações Finais

Por estar localizado na região central da cidade de São Paulo, com elevada densidade populacional, a passagem do Metrô, certamente, é um tema relevante por uma questão de viabilidade de fluxo e mobilidade na urbe. Mas também é necessário considerar a complexidade das discussões sobre gentrificação e especulação imobiliária que obras como trazem.

É importante ressaltar que os moradores e o coletivo não estão reivindicando que a obra seja abandonada, mas que não haja um apagamento da memória sobre o Quilombo Saracura e tudo que a promulgação e propagação de sua história pode trazer e contribuir para o futuro. Mais ainda, reivindicam em suas ações a questão de que a população local (negra, em sua maioria) não seja expulsa da região por processos gentrificadores. Este argumento evidencia a aplicabilidade de usos dos espaços da cidade e do direito à cidade (Harvey, 2012), tendo como mote o uso da cultura como recurso (Yudice, 2005), dado que um centro cultural e/ou memorial, sob gestão de sujeitos envolvidos e qualificados, que atuam na educação comunitária e na luta contra o racismo, é uma proposta que, além de ser importante e atual, é muito potente, quando associada as redes que se manifestam e atravessam o território do Bixiga.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. **Corpos em Aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CAIAFA, Janice. Sobre a etnografia e sua relevância para o campo da comunicação. **Questões transversais**, São Leopoldo, Brasil, v.7, n.14, p.1-10. 2020.

HAESBAERT, R. **Territórios alternativos**. São Paulo/Rio de Janeiro: Contexto/EdUFF, 2002.

HARVEY, D. O Direito à Cidade. **Lutas Sociais**. São Paulo, n.29, p.73-89, jul./dez. 2012

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidade e mediações culturais**. Organização de Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: UNESCO, 2003.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social – uma introdução à Teoria Ator-Rede**. Salvador: Edufba, 2012.

YUDICE, George. **A conveniência da Cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

PEREIRA, S. L., RETT, L., & BEZERRA, P. M. Músicas e sons que ecoam pelas ruas da cidade: o evento Paulista Aberta. **E-Compós**, n.24. 2021.

PEREIRA, S. L.; AVELAR, M. Rede Social Bela Vista: ativismos urbanos, redes e dinâmicas comunicacionais no Bixiga. **Animus. Revista Interamericana De Comunicação Midiática**, v.19. n.40, 2020.